

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Paisagens Urbanas,
Rurais & Sociais

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

O ANFITEATRO DE CONIMBRIGA (COIMBRA, PORTUGAL):

BALANÇO DA RECENTE INVESTIGAÇÃO¹

(The Amphitheater of Conimbriga (Coimbra, Portugal):
a review of recent research)

José RUIVO (jsruivo@sapo.pt)
Museu Monográfico de Conimbriga

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA (vrglcorreia@gmail.com)
Museu Monográfico de Conimbriga
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
vrglcorreia@gmail.com

ADRIAAN DE MAN (adriaandeman@gmail.com)
United Arab Emirates University
Department of History and Archaeology
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
adriaandeman@gmail.com

PILAR REIS (pilar.reis@gmail.com)
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
pilar.reis@gmail.com

RESUMO - O anfiteatro romano de Conimbriga foi identificado em 1971 mas só em 1992 foi alvo das primeiras escavações arqueológicas. O presente artigo centra-se nas intervenções efectuadas pelos signatários no monumento e na área envolvente nos últimos 15 anos e apresenta-se como um balanço do actual conhecimento

PALAVRAS-CHAVE - anfiteatro; arqueologia; arquitectura; Conimbriga; urbanismo

ABSTRACT - The Roman Amphitheater of Conimbriga was identified in 1971 but the archaeological excavations only begun in 1992. This paper is based in the author's excavations in the building and it's environment in the last 15 years and intends to take stock of our knowledge on it

KEYWORDS - amphitheater; archaeology; architecture; Conimbriga; urbanism

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

1. INTRODUÇÃO

A existência de um anfiteatro em Conimbriga é conhecida desde 1971 mas a primeira intervenção arqueológica foi realizada apenas em 1992, por iniciativa do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a direcção de Virgílio Hipólito Correia (Museu Monográfico de Conimbriga), Maria da Conceição Lopes (Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) e José Carlos Caetano (Direcção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico)².

A quase total ausência de trabalhos de arqueologia tem sido devida ao facto de a maior parte do monumento estar situada em terrenos privados, situação que tem vindo a ser invertida nos últimos anos, com o lançamento de um projecto de aquisição da totalidade dos prédios situados na área do edifício, estando já consumada a aquisição de parte dos mesmos.

O edifício foi construído no vale correspondente ao canhão flúvio-cársico de Condeixa-a-Velha, tendo a sua implantação aproveitado as condições topográficas do terreno no sentido de, aproveitando o declive natural, reduzir ao mínimo a necessidade de construção de estruturas de grande envergadura, prática de resto bastante comum em monumentos deste tipo com o intuito de rentabilizar as vantagens oferecidas pela topografia³.

Boa parte da estrutura do edifício está destruída, nomeadamente a correspondente à cávea - fruto de uma demolição intencional que terá ocorrido ainda na Antiguidade, o mais tardar em finais do século III ou inícios do século IV, eventualmente associada à construção da muralha baixo-imperial - que a excluiu na quase totalidade do novo perímetro urbano. Materiais pétreos resultantes dessa demolição terão sido reutilizados na nova estrutura defensiva.

Não obstante, mantêm-se ainda muito bem conservadas as entradas monumentais Oeste e Este, correspondentes ao eixo maior do edifício. Como se deduz a partir das estruturas existentes, estas duas entradas são compostas por 3 arcos abobadados. Na entrada Oeste os entulhos ultrapassam em aproximadamente 2 metros os níveis primitivos de circulação e a entrada Este está quase totalmente soterrada, à excepção do arco central, por dentro do qual ainda hoje passa uma linha de água, correspondendo ao traçado dos esgotos que, na época romana, encanavam as águas pluviais e o saneamento das construções situadas na área

² Correia 1994: 327-343.

³ J.-C. Golvin aponta o exemplo do anfiteatro de Saintes (*Mediolanum Santonum, Gallia Aquitania*) como sendo o que mais se parece com Conimbriga (Golvin 1988: 126). Todavia, exemplos deste pragmatismo construtivo aplicado em maior ou menor escala não faltam, disseminados por todo o Império. No que às províncias hispánicas diz respeito poderemos apontar, sem qualquer pretensão de exaustividade, casos como os dos anfiteatros de Bobadela (Frade e Portas 1994: 349-371), Cartago Nova (Pérez Ballester *et alii* 1994: 91-118), Segóbriga (Almagro e Almagro Gorbea 1994: 139-176), Itálica (Corzo Sánchez 1994: 187-211) e Augusta Emerita (Bendala Galán e Durán Cabello 1994: 247-264), entre outros.

Nordeste da cidade alto-imperial incluindo, por exemplo, a Casa dos Repuxos, e que passariam por baixo da arena do edifício. Com o abandono de toda essa área da cidade, o sistema de evacuação das águas pluviais teria acabado por colapsar, com o entupimento das cloacas, mas a orientação da linha de água manteve-se constante uma vez que corresponde à zona de maior encaixe do vale, tendo sido a responsável pela enorme deposição de sedimentos que hoje se verifica e que, na zona da entrada Este do monumento, deverá ser superior aos 6 metros de altura. Tudo parece indicar que o muro de sustentação de terras actualmente visível na parte sul dos terrenos conhecidos como os Quintais de Condeixa-a-Velha foi construído sobre o muro do pódio, sendo a sua configuração ainda muito facilmente perceptível na observação *in loco*.

As sondagens de 1992 permitiram ainda confirmar o excelente estado de conservação do muro exterior do edifício junto à entrada Este⁴.

O edifício terá um comprimento máximo de aproximadamente 98 metros no seu eixo maior que, como vimos, corresponde às entradas bem identificadas, permanecendo ainda uma incógnita as dimensões do seu eixo menor, uma vez que não conhecemos com toda a certeza o limite exacto da parte norte, situada debaixo de várias construções urbanas existentes na aldeia de Condeixa-a-Velha, mas que supomos delimitado pela zona imediatamente a Norte da actual Rua da Fonte. Na parte Sul que, apesar de cortada pela muralha, se situa dentro do perímetro urbano da Conimbriga tardo-romana, os trabalhos de escavação realizados por Adriaan De Man poderão ter permitido a localização do muro limite do edifício e de algumas das entradas que conduziriam a população dos principais sectores residenciais e áreas públicas ao interior do recinto. Estima-se, contudo, que a largura máxima deveria rondar os 86 metros.

As sondagens efectuadas em 1992-1993 junto à muralha baixo-imperial (Fig. 1), na parte alta da cidade, procuraram identificar o limite e a entrada ou entradas situadas na parte sul do eixo menor do edifício, e conduziram à identificação de estruturas que se julgou estarem associadas ao edifício. A escavação revelou uma construção anterior à muralha tardia, que lhe foi adossada, da qual ressalta um amplo espaço cujo solo em *opus signinum* e respectivo esgoto sugerem a abertura do compartimento para o exterior de onde receberia um considerável volume de águas pluviais. Este espaço foi inicialmente interpretado como sendo um *cavaedium*⁵, mas trabalhos arqueológicos iniciados já após a apresentação pública da comunicação que está na origem do presente texto invalidam aquela proposta.

⁴ Cf. Correia 1997: 47, Fig. 18.

⁵ Proposta publicada em Correia 1997: 39, especialmente nota 9, reiterada em Correia 1999: 16 e Correia 2007: 10 e que teve eco em diversas outras publicações.

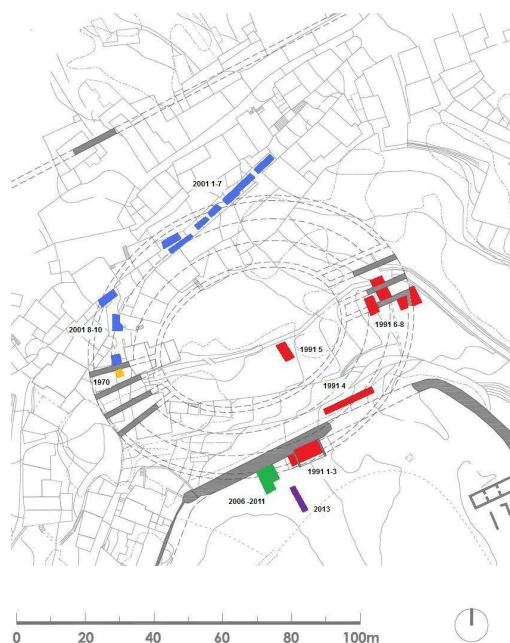


Figura 1. Reconstituição das estruturas do anfiteatro com a localização das sondagens efetuadas.

De um modo geral podemos afirmar que estas intervenções, por enquanto efectuadas somente em pequena escala, têm-nos dado a possibilidade de recolher alguma informação essencial para a programação de uma futura intervenção arqueológica de fundo no edifício. Os dados recolhidos são fundamentais para a percepção do estado de conservação das estruturas, assim como para a definição precisa dos limites do monumento, questão relativamente à qual persistem para já algumas interrogações, em particular relativamente ao traçado do seu eixo menor, mas também para a compreensão da sua relação com a malha urbana envolvente da cidade alto-imperial, em particular com o urbanismo da zona situada entre o fórum e as entradas do lado sul do monumento. Dúvidas subsistem igualmente no que respeita à cronologia de construção do edifício bem como à da sua posterior amortização.

Será, todavia, sobre os resultados das intervenções conduzidas nos últimos 15 anos pelos signatários desta comunicação, que vamos centrar agora a nossa atenção, dando conta dos mais recentes desenvolvimentos.

2. ESCAVAÇÕES NA RUA DA FONTE

Durante o ano de 2001 o município de Condeixa procedeu à instalação da rede de saneamento na freguesia de Condeixa-a-Velha, obra que incluía a actual

aldeia e os acessos às ruínas de Conimbriga. Os imperativos legais da zona de proteção de Conimbriga sobre a área da aldeia obrigaram o município à realização de um conjunto alargado de sondagens prévias – no percurso do aqueduto e noutros pontos do aglomerado urbano – algumas das quais a serem implantadas na zona previsivelmente coincidente com o muro perimetral do anfiteatro. Estes trabalhos foram dirigidos por Pilar Reis.

No total foram realizadas dez sondagens ao longo da Rua da Fonte e Rua dos Arcos, que viriam a revelar a existência de alguns vestígios relacionados com o anfiteatro. A sua implantação na rua foi condicionada pela existência prévia da rede de abastecimento de água que supunha uma vala, situada ao longo destas ruas, com uma largura média de 0,40 m por escassos 0,30 m a 0,40 m de profundidade, evitando assim documentar contextos já afetados. Afortunadamente, esta vala situa-se ao longo do limite oriental da Rua da Fonte.

A Rua da Fonte nasce no Largo Costa Alemão, a uma cota de 107,28 m, e desce a encosta do vale que define o limite norte do planalto de Conimbriga até um largo, sem saída, no qual se construiu em 1939 um lavadouro público a uma cota de 68,86 m. Esta rua, com aproximadamente 450 metros de extensão e com uma inclinação superior ao 8%, não coincide na sua vertente oriental com o talvegue do vale. A linha de água que define o vértice inferior, hoje quase perfeitamente colmatada, ainda é reconhecível no terreno e discorre a uma cota de 97 m, ou seja, aproximadamente 10 m mais abaixo da Rua da Fonte. Este desvio da rua daquele que seria o seu percurso natural, é perfeitamente justificável pela localização do anfiteatro; mesmo que demolido à época da construção da muralha Baixo-imperial, a sua presença como ruína, talvez apenas parcialmente entulhada, terá permanecido na paisagem forçando a sua reintegração nos espaços de circulação desta zona.

O traçado viário desta zona em época imperial, com vias de acesso ao anfiteatro e à volta dele, e a sua evolução ulterior, pós-demolição, eram claramente questões que as sondagens aqui realizadas poderiam ter resolvido, mas uma campanha arqueológica fortemente condicionada pelo tempo disponível para a sua execução e limitada na extensão pelos condicionalismos da obra pública que a motivou, não permitiram tirar conclusões definitivas.

Das dez sondagens realizadas, oito foram implantadas na rua da Fonte. A primeira (Sondagem 1), com um comprimento de oito metros por um e meio, foi localizada praticamente no topo da rua, próxima do Largo Costa Alemão. Esta sondagem veio demonstrar a existência de um caminho, ligeiramente descendido do eixo da actual Rua da Fonte, do qual se reconheceram em escavação as marcas profundas dos rodados. Cada sulco tinha 0,22 m aproximadamente de largura, e uma distância entre ambos de 1,10 m, ou seja, menos de 4 pés. A Sondagem 3, implantada a 4 metros de distância da Sondagem 1, confirmou a existência destes rodados, escavados no tufo e com escassos vestígios de pavi-

mentação. Foi precisamente nesta Sondagem 3, e na sua ampliação, que se depositou alguma expectativa em determinar o limite do anfiteatro, ainda que fosse como estrutura negativa no tufo. Não se verificou esta evidência, mas apenas a regularização do tufo e a marcação dos rasgos para os rodados (Fig. 2).



Figura 2. Rua da Fonte, sondagem 3: aspeto dos rodados.

Realizaram-se mais cinco sondagens nesta mesma rua: as Sondagens 4, 6 e 7 não trouxeram qualquer informação relevante, para além de constatar a existência dos já descritos rodados da antiga rua. Pelo contrário, a Sondagem 5, a 15 metros a jusante da Sondagem 1, foi pelos resultados obtidos a mais elucidativa. No seu topo oriental conservava-se a calçada que originalmente protegia esta rua, sendo bem evidente a existência dos rodados escavados acompanhados pelo próprio lajeado, aqui feito com pedras de média dimensão. No sector norte desta sondagem, próximo de um palheiro que aproveita o desnível do tufo existente entre esta rua e o nível superior, ou seja, a actual Rua 22 de Junho, surgiram os parcos vestígios de uma construção da qual se identificaram as fundações de uma estrutura em taipa. É nessa vala de fundação – unidades de recolha 18 e 19 – que surgem alguns materiais: pequenas peças metálicas de utilidade difícil

de definir, uma moeda demasiado desgastada para dar informação, e um peso de tear no topo do qual foi esgrafitado o antropónimo feminino *Casa*⁶ paleograficamente datável do séc. I d.C. Na limpeza do perfil – e adscrita a essa mesma unidade de recolha – apareceu uma moeda: um antoniniano de Cláudio II (268-270)⁷.

Se a localização desta sondagem, numa zona que se poderia considerar como limite do assentamento da *media cavea*, não traz informação relevante quanto às características construtivas do anfiteatro, vem sim demonstrar que esta parte do edifício poderá ter sido reconvertida, após a demolição, em espaço de passagem e provavelmente recebeu estruturas habitacionais de carácter popular e sem grande relevância arquitetónica. De salientar que se verificou com extrema atenção o mencionado palheiro e, no seu seguimento, um terreiro pertencente a uma das casas desta rua, que apresentam o tufo à vista e com claros sinais de corte e ancoragem de estruturas. Ainda assim, será necessário fazer futuramente um levantamento gráfico dessas paredes de tufo que delimitam em soccalco o desnível e que, sem dúvida, integraram as subestruturas do anfiteatro.

A última sondagem na Rua da Fonte, a Sondagem 8, com 5 metros de comprimento por 1 de largura, foi implantada no que se esperava que fosse o limite ocidental do anfiteatro, admitindo sempre os 98 por 86 metros de elipse exterior que os vestígios existentes permitem conjecturar. Apesar da exiguidade desta sondagem, duas das unidades de recolha no plano 1 (n.º 31 e 35) e a unidade 39 do plano 2 sugerem, claramente, a existência de uma fundação composta por um enrocamento de grandes dimensões; não se detetaram materiais associados.

Junto a esta sondagem surge, à esquerda de quem desce, uma artéria, a Rua dos Arcos (cujo nome faz referência aos arcos de acesso à arena, conservados nas fundações das habitações aqui existentes).

Nessa rua fizeram-se apenas duas sondagens, uma junto ao portão que atualmente dá acesso aos terrenos da arena, e outra junto ao limite de um dos arcos. A primeira destas, a Sondagem 9, com uma área de 4 por 5 metros, permitiu documentar com rigor parte do enchimento da *media cavea*. O perfil estratigráfico mostra a estratigrafia horizontal das várias camadas de deposição desse enchimento, formado por terra e pedra de média dimensão, provavelmente feito em caixa, talvez de madeira, mas suportado por muros radiais em alvenaria (Fig. 3), em tudo idêntico à estratigrafia identificada no corte 6 de 1992⁸.

⁶ Reis e Ruivo 2005: n.º 353.

⁷ Referência de inventário: 2001.CVRA.8(PN)13. Poderia, eventualmente, tratar-se de um exemplar póstumo. Todavia, o mau estado de conservação da peça não permite uma classificação mais precisa.

⁸ Correia 1997: 47, fig. 18.



Figura 3. Rua dos Arcos, sondagem 9: estratigrafia de enchimento da *cavea*.

Junto a esta sondagem, e já dentro da propriedade, eram claríssimos os vestígios à superfície do que seria um destes muros radiais realizado em alvenaria com uma argamassa de cal semelhante à observada noutros pontos de Conimbriga. Nesta sondagem, nas unidades 48 e 54, que adscritas a planos diferentes de escavação pertenciam à mesma camada, recolheram-se alguns fragmentos de *terra sigillata*: 2 fragmentos de fundo de pratos de TSSG que, devido ao facto de não mostrarem vestígios do ônfalo característico das produções sud-gálicas, adaptam-se especialmente bem a serem identificados como pratos Drag. 18⁹. O perfil triangular do pé indica a sua inclusão na variante A, datável entre 15 e 30 d.C.¹⁰. Identificaram-se também 4 fragmentos de TSI pertencentes a uma cratera da forma Drag. 11, augusto-tiberiana¹¹; as tipologias mais actuais observam pouco a forma do pé, mas a forma no geral parece não ultrapassar o reinado de Tibério¹².

Estes materiais são consistentes com os recolhidos nas sondagens realizadas em 1992¹³, que todavia parecem indicar um espectro cronológico mais

⁹ Referência Inventário: 2001.CVRA.9(48)14 -16.

¹⁰ Genin 2007: 332-333 e 585-586 [pl. 219-220].

¹¹ Oswald e Pryce 1966: 65-66.

¹² Ettlinger *et al.* 1990: 165-180.

¹³ Correia 1994: 333-334. Uma taça Drag. 24/25 de *terra sigillata* sud-gálica marmoreada e outra Hermet 25, uma taça Drag. 27 em *terra sigillata* hispânica, uma *trulla* de vidro azul

centrado na segunda metade do séc. I, enquanto estes parecem mais centrados na 1ª metade. Trata-se todavia de uma discussão em larga medida ociosa, se considerarmos a escassez dos fragmentos com que lidamos quando considerada a dimensão do monumento, já no que esta implica de duração do próprio período de construção, já no que terá implicado de processos pós-depositivos diferenciados nas várias áreas investigadas.

A Sondagem 10 foi implantada na face exterior do primeiro arco ocidental coincidindo com a existência de um vão entaipado no interior da passagem - objecto de escavação durante a década de setenta pelo Museu Monográfico de Conimbriga, tendo sido dirigida por Isabel Pereira - e dela não se obteve qualquer resultado conclusivo. Os entulhos contemporâneos na zona da Sondagem 10, aos que se deve acrescentar a exigência em alargar significativamente a sondagem para se poder atingir, em segurança, a profundidade necessária, obrigaram à sua interrupção ao atingir-se o lintel do referido vão, não sendo possível documentar, como era intenção inicial, a cota da soleira e a caracterização do espaço ao qual abriria este vão, que deveria conduzir a uma escadaria de acesso às bancadas, mostrando a passagem ter sido obliterada ainda em época imperial. Todavia foi elucidativa para a análise construtiva a imagem da face exterior desta galeria em *opus vittatum*.

Mas se da construção não se obteve prova maior, do seu desmantelamento pode concluir-se que neste limite setentrional terá sucedido uma reformulação dos eixos de acesso existentes.

O mais importante destes eixos seria uma saída da cidade para ocidente na direcção do Rio de Mouros e suas veigas, *ager* da cidade. Outros seriam as ruas perimetrais do monumento, para Sul e para Este, na direcção, respetivamente, do centro de Conimbriga e da via em direcção a Aeminium.

Uns e outros tinham de vencer declives importantes.

Comparando os vários levantamentos disponíveis, pode reconstituir-se o plano da arena à cota de 92.10m (o solo atual encontra-se no ponto mais baixo a Nordeste das entradas, à cota de 93.15m); o pódio, se a sua cota correspondia ao arranque das abóbadas das entradas, como parece provável, atingia os 94.2m; a cota de base da *media cavea*, reconstituída a partir do nível superior dos arcos das entradas situar-se-ia nos 97.10m; a sua cota superior, se é possível estimá-la pelo nível de arrasamento das estruturas na parte alta da cidade, situar-se-ia nos 105.50m. Isto deixava um máximo de treze metros de desnível entre a arena e o nível de circulação na parte alta da cidade que os caminhos perimetrais tinham de vencer e, atendendo às cotas observadas nas sondagens na Rua da Fonte, esse valor cifrava-se em pelo menos 7 metros, o que será aceitável se considerarmos que o eixo paralelo à rua da Fonte, e situado no topo do vale, discorre a uma cota de 108 m aproximadamente admitindo o limite físico do anfiteatro.

claro e vários fragmentos de cerâmica comum.

A demolição do anfiteatro terá arrastado boa parte das terras que formaram os enrocamentos e base das bancadas na arena, o que justifica os quase 6,50 metros de altura estimada dos sedimentos que sobre ela repousam atualmente.

Por perceber fica ainda a questão de saber como teria sido gerido pelo arquitecto da obra o escoamento das ingentes quantidades de água que seriam captadas pelo monumento, somadas àquelas que, drenadas a montante do monumento (toda a área nordeste da cidade incluindo a casa dos repuxos, as termas do aqueduto e o moinho, três instalações hidráulicas de monta), teriam necessariamente de ser escoadas através dele. Junto ao viaduto conservam-se vestígios de um encanamento (Fig. 4) que é talvez o mesmo a ser identificado a jusante, numa estrutura denominada como aqueduto¹⁴, ainda hoje conservada na Rua da Fonte, e que pode talvez fazer parte desse sistema de drenagem.



Figura 4. Viaduto de Conimbriga, aspeto da canalização.

3. AS ESCAVAÇÕES NA ÁREA SUDOESTE

Foram realizadas duas intervenções, em 2006 e 2012, dirigidas por Adriaan De Man, que procuravam relacionar o anfiteatro com a muralha tardia, investi-

¹⁴ Neto 1993-94: 171-179.

gando a sobreposição desta sobre o topo sul da *cavea*, supondo-se que teria assim ficado criada uma área semi-demolida na zona *intra muros*. Em termos topográficos, a própria muralha passou a servir de contenção à estratigrafia urbana, produzindo uma tendência horizontal que não existia com anterioridade. A zona escavada ilustra em detalhe uma sequência de ocupações que atinge o período medieval.

Do ponto de vista físico, é sobre um revolvimento dos níveis alto-imperiais, provavelmente associável à demolição dos inícios do século IV, que se desenvolveram as camadas tardias. O momento de anulação do anfiteatro é perfeitamente observável pelo enchimento súbito do *vomitorium*¹⁵, pela selagem geral desse contexto de actividade, e também, indirectamente, pela circunstância de o mesmo corredor ter servido de base à nova muralha (Fig. 5). Os níveis de circulação imediatamente posteriores, balizáveis entre os inícios do século V e o fim do seguinte consistem em camadas tendencialmente horizontais, com reduzida potência, tanto em termos estratigráficos como de materiais associados.



Figura 5. Sondagem de 2006: aspeto do vomitorium e da sobreposição da muralha Baixo-Imperial.

¹⁵ De Man 2006-7: 62.

Em forte contraste, os contextos considerados posteriores ao século VI incluem apreciáveis indicadores arqueológicos, nomeadamente metálicos. É o caso da abundante escória, adjacente a um ambiente que muito possivelmente seria doméstico, ou pelo menos vedado ou coberto, tendo em conta os buracos de poste nestas posições topográficas. Existe aqui um paralelo interessante com outros contextos do mesmo período¹⁶, o mais bem identificado dos quais será o da casa de Cantaber, em cuja reformulação tardo-antiga funcionou um forno metalúrgico. Outro elemento que reforça a ideia de uma estrutura em madeira é a razoável concentração de pregos, que durante a escavação tinha precisamente sido interpretada como reflexo de um habitat em materiais perecíveis adossados à muralha. Um terceiro conjunto metálico consiste nalguns terminais de tempereiro, estes sim indicativos de um espaço presumivelmente fechado onde o processo de tecelagem pudesse ser desenvolvido. De novo, trata-se de um fenómeno com bons paralelos em Conimbriga. Um deles é indicativo do mesmo período pós-romano, em níveis que cobriam a zona do fórum¹⁷, assim como outro, na zona do Bico da Muralha¹⁸.

Registou-se apenas uma grande excepção na homogeneidade de sucessivos depósitos, ao longo de quinhentos anos de formação paulatina: uma grande estrutura negativa provocou uma severa perturbação na estratigrafia, tendo perfurado todas as camadas tardo-romanas e tardo-antigas, até incidir nos dois muros do *vomitorium*. O enchimento desta unidade irregular era composto por altas concentrações de cinzas, e por fauna que permitiu obter intervalos muito semelhantes numa série de datações pelo radiocarbono¹⁹.

| Ref ^a Lab | Data ¹⁴ C (BP) | Data calibrada (cal. AD) s1 | Data calibrada (cal. AD) s2 |
|----------------------|---------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| SAC-1995 | 930+/-50 | 1040-1160 | 1020-1210 |
| SAC-1997 | 1180+/-45 | 775-930 | 710-975 |
| SAC-1998 | 1000+/-45 | 990-1150 | 905-1160 |
| SAC-1999 | 110+/-40 | 895-985 | 785-1020 |
| SAC-2000 | 1060+/-40 | 900-1020 | 895-1025 |
| SAC-2003 | 1050+/-55 | 900-1030 | 880-1150 |

Uma parte considerável mantém-se por escavar, porém os dados apontam para uma sequência de despejos domésticos, num espaço de tempo relativamente curto, talvez dias, ainda que outras fossas, com dimensões mais reduzidas,

¹⁶ De Man 2011: 515-520.

¹⁷ Alarcão e Ponte 1982:167.

¹⁸ De Man 2007: 5.

¹⁹ De Man e Soares 2007: 285-294; De Man e Soares 2013: 209-219.

tenham sucessivamente existido neste mesmo espaço²⁰.

O estudo da fauna destas unidades permitiu uma análise fina dos hábitos das populações de Conimbriga nestas fases tardo-antigas e alto medievais²¹ e, por outro lado, a cerâmica destas unidades insere-se bem nos circuitos regionais do Centro e Norte de Portugal²², nomeadamente os alguidares de base em disco e cordões digitados, os púcaros de colo recto e canelado, e as asas puncionadas.

A área intervencionada, apesar de reduzida, permite enquadrar o anfiteatro na plataforma superior, relacionando-o com as evoluções tardias nos restantes equipamentos urbanos. Uma das questões mais evidentes prende-se com a evolução paralela do fórum, imediatamente a sul do anfiteatro, e dos edifícios domésticos desta mesma zona. Uma intervenção realizada por dois dos autores deste texto (J. Ruivo e A. De Man), precisamente junto ao fórum, na casa do Mediano Absidado, permitiu registar fases de ocupação análogas, isto é, coevas de um período alto-medieval. Ilustram um quotidiano num sítio já plenamente desurbanizado, embora central na rede de povoamento do Mondego²³, condição que se manteve até o período condal²⁴. Recentrando a inteira questão no anfiteatro em si, as sondagens na plataforma superior permitiram reconhecer o momento de demolição, por um lado, e o muro perimetral, por outro.

A própria base do anfiteatro apresenta um sistema de caixotões preenchidos com terra, sobre o qual se terá edificado a *summa cavea*. Algumas dezenas de centímetros no limite sul da escavação revelaram o que aparenta ser um lajeado. Um futuro alargamento permitirá aferir se este corresponde efectivamente à rua que circundaria o edifício público, algo que por ora se assume como hipótese de trabalho.

4. AS ESCAVAÇÕES EM CURSO

Em Março de 2013, no âmbito de uma colaboração com a empresa Dryas Arqueologia efectuaram-se trabalhos de prospecção geofísica em Conimbriga pela Morph Geomática com vista à identificação de estruturas enteradas, nomeadamente estruturas que pudessem ser associadas ao anfiteatro. As técnicas utilizadas consistiram na utilização do georadar (GPR - Ground Penetrating Radar) e da resistividade eléctrica, tendo os resultados obtidos sugerido a presença de estruturas que poderiam, eventualmente, estar associadas ao anfiteatro bem como estruturas urbanas periféricas.

Na sequência desta prospecção planificou-se uma sondagem de controlo de 10 m de comprimento por 2 metros de largura que se efetuou nesse mesmo ano

²⁰ Correia, De Man e Reis 2011: 181-201.

²¹ Detry *et al.* 2014: 97-110.

²² De Man e Tente 2014; Tente e De Man 2016: 43-68.

²³ Alarcão 2004.

²⁴ De Man 2008: 99-103.

(Abril-Maio). A sondagem está situada a cerca de uma dezena de metros para Sul das sondagens dirigidas por Adriaan De Man (2006 e 2012) e Virgílio Hipólito Correia (1992-3) e os resultados obtidos, ainda que muito parcelares - uma vez que não permitem uma leitura global da área intervencionada - parecem indicar que já se encontrará completamente fora do antigo edifício de espetáculos. A intervenção parece revelar um edifício que em tese definiríamos como doméstico, - ou tê-lo-á sido numa fase primitiva -, estruturado em volta de um muro principal que se orienta no sentido N/S (u.e. 4), no qual entroncam várias outras estruturas (do lado nascente as u.es. 25/26, 30 e 32; do lado poente as u.es. 29 e 31), conformando diversos compartimentos (Fig. 6).



Figura 6. Sondagem de 2013: aspeto geral, visto de Norte.

Os horizontes estratigráficos principais podem estruturar-se, para já, da seguinte forma:

| Fases | Descrição | Unidades estratigráficas |
|-------|--|---|
| I | fase primitiva do edifício (séc. I) | 4, 13, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32 |
| II | sécs. II-III | 11, 12, 13 14, 15, 16 (?) |
| III | transformações do edifício (tardo-romano) | 5, 8, 9 (?), 10, 17, 18, 19, 26 (?) |
| IV | transformações pós-abandono do edifício (alto-medieval) | 6, 7 |
| V | níveis superficiais (influência de factores pós-deposicionais) | 1, 2, 3 |

Uma primeira etapa (Fase I) parece corresponder à existência de um edifício de planta incerta, possivelmente de inícios da época imperial, do qual se identificaram pelo menos 5 (?) compartimentos muito parcialmente escavados. Os materiais atribuíveis a esta fase não são relevantes do ponto de vista cronológico, excetuando a presença de um bojo de ânfora (possivelmente de produção itálica), destacando-se as cerâmicas comuns: cinzentas finas muito fragmentadas (tradição indígena), quartzo-micáceas, alaranjadas finas e calcíticas.

Num segundo momento (Fase II), parece verificar-se a utilização de um dos compartimentos para uma inumação, mas não se consegue perceber para já se isso implicou alguma alteração substancial da planta e da funcionalidade do edifício. Atribuímos a esta etapa várias unidades estratigráficas que forneceram os seguintes materiais relevantes: TSH Drag. 15-17 (meados séc. I-séc. II?), Drag. 18 (Flávios-inícios do séc. II), Drag. 35 (inícios da segunda metade do séc. I-meados do séc. II?) e 1 asse de Cláudio I (41-54).

Identificou-se também uma fase tardo-romana (Fase III), à qual se poderá atribuir o restauro do muro da u.e. 27. Detetaram-se ainda, num nível que consideramos de derrube de paredes (u.e. 10) vários fragmentos de TSH, das formas Drag. 15-17, Drag. Drag. 27 e Drag. 37, bem assim como um fundo ânfora Almagro 50 (séc. IV -V) e um prato de TSCC Hayes 50 (a partir de inícios do séc. III). Admitimos, todavia, a possibilidade de a formação desta u.e. poder estar relacionada com a abertura da bolsa da u.e.6 (Fase IV), que atribuímos ao período alto-medieval e que marca uma amortização, pelo menos parcial, do edifício. Esta fase distingue-se em termos de espólio pela abundância dos grés:

potes, alguidares e bilhas, com aplicações de cordões digitados e asas em forma de fita com decoração incisa com paralelos nas ocupações islâmicas identificadas nas sondagens de V. H. Correia e A. De Man²⁵.

Um dos aspetos mais relevantes desta intervenção foi a descoberta do enterramento de um indivíduo do sexo feminino localizado ao longo do muro correspondente à u.e. 14. O cadáver foi deposto numa fossa simples aberta no saibro correspondente ao pavimento ou nível de circulação do compartimento (u.e. 13), colocado em decúbito dorsal, com orientação Oeste-Este (Fig. 7)²⁶. Trata-se de um compartimento aparentemente de pequenas dimensões (cerca de 2 metros de largura).



Figura 7. Sondagem de 2013: enterramento.

Tendo sido solicitada ao Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares do Instituto Superior Técnico uma datação pelo método do Carbono 14, obtiveram-se os seguintes resultados²⁷:

²⁵ De Man 2006-2007: 64-65.

²⁶ A sepultura não foi integralmente escavada, tendo a parte correspondente aos membros inferiores ficado debaixo do corte W. Não foi encontrado, para já, qualquer espólio associado à inumação.

²⁷ Datação C2TN, 27/11/2013.

| Ref ^a Lab | Data ¹⁴ C (BP) | Data calibrada (cal. AD) s1 | Data calibrada (cal. AD) s2 |
|----------------------|---------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|
| SAC-2914 | 1830±35 | 134-224 (1,) | 84-254 (0,97831) 302-315 (0,02169) |

Partindo do pressuposto que os intervalos estão correctos, teremos aqui um enterramento efectuado com grande probabilidade, o mais tardar, por meados do século III, o não deixa de nos causar alguma perplexidade, uma vez que nesta época não parece habitual a realização de práticas funerárias no interior do perímetro urbano. Temos contudo um paralelo cronológico em ossos recolhidos na *basílica/domus* de *Tanginus*, com um intervalo de datação de possivelmente correspondente a finais do séc. II ou inícios do III²⁸, para os quais desconhecemos parte da informação relevante, mas que tem sido considerado como fazendo parte de um ossário/reliquia trasladado *a posteriori* para aquele espaço. No nosso caso, poder-se-á admitir que se trate de uma situação de ocultação de cadáver, devido a uma morte eventualmente não natural. Considerando, todavia, a orientação do corpo (cabeça para poente e pés para nascente), não podemos excluir a possibilidade de tratar-se de uma deposição segundo o ritual cristão, o que nos remeteria para a presença de uma comunidade cristã na cidade em meados do séc. III, dado novo, e que nos levaria inclusivamente a equacionar a funcionalidade do edifício descoberto durante esta sondagem como eventual espaço de culto que se teria sobreposto a um edifício residencial. Claro que a escavação é bastante parcelar e não estamos a sugerir mais do que hipóteses de trabalho para investigações futuras.

5. CONCLUSÃO

O balanço das últimas intervenções realizadas na área do anfiteatro de Conimbriga sendo largamente positivo, continua a deixar várias questões em aberto. Presentemente, e atendendo à nossa escassa capacidade de intervenção no edifício, consideramos prioritária a completa definição de toda a sua estrutura perimetral, fundamental para a projecção de intervenções futuras, algumas delas a serem realizadas na zona urbana da aldeia de Condeixa-a-Velha.

Outra questão com que nos debatemos, e à qual só a escavação poderá dar resposta, é a da cronologia do monumento, para o qual Jean-Claude Golvin há muito que sugeriu uma datação júlio-claudiana²⁹.

²⁸ Datação por radiocarbono: Ref^a. Lab. GrA-30340: 1815±/-35BP, dada como correspondendo a 191 ± 35 AD sem menção do método de calibração (López Quiroga 2013: 195 e 243, fig. 124).

²⁹ Golvin 1988: 147.

Os três conjuntos de materiais até agora recolhidos em contextos susceptíveis de fornecer datações, (o recolhido nas escavações de 1992, os fragmentos de *sigillata* da sondagem 9, na Rua dos Arcos, aqui referidos por primeira vez, e os fragmentos das escavações na área sudoeste referidos por A. De Man) não desmentem uma cronologia eventualmente julio-claudiana para uma fase inicial das obras, dessa forma sustentando a hipótese que o traçado da muralha dita “augustana” terá sido propositadamente alargado com a intenção de albergar o anfiteatro no seu perímetro³⁰.

Mencione-se, a este propósito, que uma *tessera* de chumbo recolhida há cerca de uma década por Pedro Carvalho (FLUC) durante uma sondagem na basílica do fórum reproduz o anverso de um *aureus* ou de um denário de Nero e Agripina (cf. RIC I 1-3)³¹, batidos em 54 d.C. (Fig. 8). A cronologia da peça conimbrigense não ultrapassará 59 d.C. - data do assassinato de Agripina - e o seu fabrico poderá, eventualmente, ser associado a uma liberalidade pública, quem sabe se relacionada com os jogos de anfiteatro.



Figura 8. Basílica do fórum de Conimbriga: tessera de chumbo, a) anverso, b) reverso.

Todavia, os conjuntos cerâmicos recolhidos não permitem decidir por uma cronologia tiberio-claudiana *versus* uma cronologia claudio-neroniana, tomando-se, em qualquer caso, o conjunto da sondagem no setor sudoeste como evidência de obras de pavimentação da área envolvente do anfiteatro ligadas à própria remodelação do fórum e eixos de circulação para Norte³², ou qualquer pequena remodelação ocorrida em época flaviana, como originalmente proposto³³.

³⁰ Correia 1994: 329.

³¹ Baptista 2014: 95-96 e 210, II4-375.

³² Cf. Alarcão e Étienne 1977: 85 e 140.

³³ De Man 2006-7: 62.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, A. e Ponte, S. (1982), “O tempereiro e a antiguidade do tear horizontal de pedais”, *Conimbriga* XXI: 163-168.
- Alarcão, J. (2004), *In território Colimbrie. Lugares velhos (e alguns deles, deslembrados) do Mondego*, Trabalhos de Arqueologia 28. Lisboa.
- Alarcão, J. e Etienne, R. (1977), *Fouilles de Conimbriga I. L'Architecture*. Paris.
- Almagro, M. e Almagro Gorbea, M. (1994), “El anfiteatro de Segobriga”, in J. M. Alvarez Martínez e J. J. Enriquez Navascués (coord.), *El anfiteatro en la Hispania Romana: Coloquio Internacional* (Mérida, 26-28 de Novembro de 1992). Mérida, 139-176.
- Baptista, R. F. G. (2014), *A basílica e a cúria do ‘forum’ romano de Conimbriga. Resultados das campanhas de 2001 e 2004*, dissertação de mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Bendala Galán, M. e Durán Cabello, R. (1994), “El anfiteatro de Augusta Emerita: rasgos arquitectónicos y problemática urbanística y cronología”, in J. M. Alvarez Martínez e J.J. Enriquez Navascués (coord.), *El anfiteatro en la Hispania Romana: Coloquio Internacional* (Mérida, 26-28 de Novembro de 1992). Mérida, 247-264.
- Correia, V. H. (1994), “O anfiteatro de Conimbriga. Nota preliminar”, in J. M. Alvarez Martínez e J.J. Enriquez Navascués (coord.), *El anfiteatro en la Hispania Romana: Coloquio Internacional* (Mérida, 26-28 de Novembro de 1992). Mérida, 327-343.
- Correia, V. H. (1997), “Nouvelles recherches à Conimbriga”, in R. Étienne e F. Mayet (ed.), *Itinéraires Lusitaniens – Trente années de collaboration archéologique luso-française*. Paris, 35-48.
- Correia, V. H. (1999), “Desenvolvimentos recentes da investigação arqueológica em Conimbriga”, in V. A. Alvarez Palenzuela (ed.), *Jornadas de Cultura Hispano-Portuguesa*. Madrid, 11-31.
- Correia, V. H. (2007), “O anfiteatro de Conimbriga, monumento de espectáculo numa cidade lusitana”, *Pedra & Cal*, 33: 8-11.
- Correia, V.; De Man, A. e Reis, P. (2011), “Gestión de residuos en Conimbriga”, in J. A. Remolà e J. Acero (ed.), *La gestión de los residuos urbanos en Hispania romana*, Anejos de AEspA LX. Mérida, 181-201.
- Corzo Sánchez, R. (1994), “El anfiteatro de Italica”, in J. M. Alvarez Martínez e J.J. Enriquez Navascués (coord.), *El anfiteatro en la Hispania Romana: Coloquio Internacional* (Mérida, 26-28 de Novembro de 1992). Mérida, 187-211.

- De Man, A. (2006-7), “Novos elementos pós-clássicos do anfiteatro de Conimbriga”, *Portugalia* 27-28: 59-67.
- De Man, A. (2007), “The Late Urban Fort of the Bico da Muralha, Conimbriga (Portugal)”, *Mediterranean Archaeology & Archaeometry* 7(1): 3-14.
- De Man, A. (2008), “A short note on Medieval Condeixa”, *Journal of Iberian Archaeology* 11: 99-103.
- De Man, A. (2011), “Recent archaeological research on late and post-Roman Conimbriga”, *Madrider Mitteilungen* 52: 514-527.
- De Man, A. e Soares, A. M. (2007), “A datação pelo radiocarbono de contextos pós-romanos de Conimbriga”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10(2): 285-294.
- De Man, A. e Soares, A. M. (2013), “Elementos para uma definição dos horizontes tardios de Conimbriga”, in J. López Quiroga (ed.), *Conimbriga tardo-antigua y medieval: excavaciones arqueológicas en la ‘domus tancinus’ (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*, BAR International Series 2466. Oxford, 209-219.
- De Man, A. e Tente, C. (2014), *Estudos de Cerâmica Medieval, O Norte e o Centro de Portugal, séculos IX a XII*. Lisboa.
- Detry, C., Cardoso, J. L. e Correia, V. H. (2014) “What did the Romans and Moslems eat in Conimbriga (Portugal)? The animal bones from the 1990’s excavations”, in C. Detry e R. Dias, (ed.) *Proceedings of the first zooarchaeology conference in Portugal*. Oxford, 97-110.
- Ettlinger, E. et al. (1990), *Conspectus formarum terrae sigillatae Italico modo confectae*, *Materialien zur römisch-germanischen Keramik* 10. Bona.
- Frade, H. e Portas, C. (1994), “A arquitectura do anfiteatro romano de Bobadela”, in J. M. Alvarez Martínez e J. J. Enriquez Navascués (coord.), *El anfiteatro en la Hispania Romana: Coloquio Internacional (Mérida, 26-28 de Novembro de 1992)*. Mérida, 349-371.
- Genin, M. (dir.) (2007), *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Volume II. Sigillées lisses et autres productions*, Éudes d’achéologie urbaine. Bordéus.
- Golvin, J.-C. (1988), *L’amphithéâtre romain, Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*. Paris.
- López Quiroga, J. (ed.) (2013), *Conimbriga tardo-antigua y medieval: excavaciones arqueológicas en la ‘domus tancinus’ (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*, Bar International Series 2466, Oxford.
- Neto, C.J.S. et al. (1993-94), “Os pólos de captação de água de Conimbriga”, *Conimbriga* 32: 171-179.

- Oswald, F. e Pryce, T. D. (1966), *An introduction to the study of terra sigillata*, Londres.
- Pérez Ballester, J. *et al.* (1994), “El anfiteatro romano de Cartagena (1967-1992)”, in J. M. Álvarez Martínez e J. J. Enriquez Navascués (coord.), *El anfiteatro en la Hispania Romana: Coloquio Internacional* (Mérida, 26-28 de Novembro de 1992). Merida, 91-118.
- Reis, M. P. e Ruivo, J. (2005), “Marca grafitada de “Casa”, sobre um peso de tear de Conimbriga”, *Ficheiro Epigráfico* 78: 353.
- Tente, C. e De Man, A. (2016), “Um rio, dois territórios”, in A. Vigil-Escalera Guirado e J. A. Quirós Castillo (eds.), *La Cerámica de la Alta Edad Media en el Cuadrante Noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X)*, Documentos de Arqueología Medieval 9. Bilbao, 43-68.